



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**MARINA LARISSA FERREIRA BRANDÃO**

**O PAPEL DO CLUBE DE MÃES NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL DA  
MULHER**

**CAMPINA GRANDE  
2019**

MARINA LARISSA FERREIRA BRANDÃO

**O PAPEL DO CLUBE DE MÃES NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL DA MULHER**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel/Licenciado em Psicologia.

**Orientador:** Prof<sup>ª</sup>. Dra. Sibelle Maria Martins de Barros.

**Coorientador:** Prof. Dr. Pedro de Oliveira Filho.

**CAMPINA GRANDE  
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B819p Brandão, Marina Larissa Ferreira.

O papel do Clube de mães na construção da identidade social da mulher [manuscrito] / Marina Larissa Ferreira Brandao. - 2019.

32 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2019.

"Orientação : Profa. Dra. Sibelle Maria Martins de Barros , Departamento de Psicologia - CCBS."

"Coorientação: Prof. Dr. Pedro de Oliveira Filho , UFCG - Universidade Federal de Campina Grande"

1. Identidade social. 2. Movimento de mulheres. 3. Clube de mães. 4. Papel social da mulher. I. Título

21. ed. CDD 305

MARINA LARISSA FERREIRA BRANDÃO

O PAPEL DO CLUBE DE MÃES NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL  
DA MULHER

Trabalho de Conclusão de Curso  
(Artigo) apresentado ao  
Departamento do Curso de  
Psicologia da Universidade Estadual  
da Paraíba, como requisito parcial à  
obtenção do título de  
Bacharel/Licenciado em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia  
Social Comunitária.

Aprovada em: 15/08/2019.

**BANCA EXAMINADORA**

*Sibelle*

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Sibelle Maria Martins de Barros (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Josevânia da Silva*

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Josevânia da Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Leconte de Lisle Coelho Junior*

Prof. Dr. Leconte de Lisle Coelho Junior  
Faculdade Mauricio de Nassau (Uninassau)

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	06
2	A CONSTRUÇÃO DO PAPEL SOCIAL FEMININO E OS CLUBES DE MÃES NO BRASIL .....	06
2.1	Os Clubes de Mães em Campina Grande – PB .....	08
2.1.1	Os Clubes de Mães enquanto Movimentos Comunitários .....	09
2.1.2	A Teoria da identidade Social .....	11
3	METODOLOGIA .....	13
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES .....	14
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
	REFERÊNCIAS .....	28
	APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	30

## O PAPEL DO CLUBE DE MÃES NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL DA MULHER

### THE ROLE OF THE MOTHERS' CLUB IN THE CONSTRUCTION OF WOMEN'S SOCIAL IDENTITY

Marina Larissa Ferreira Brandão<sup>1</sup>  
Sibelle Maria Martins de Barros<sup>2</sup>  
Pedro de Oliveira Filho<sup>3</sup>

#### RESUMO

A presente pesquisa pretendeu caracterizar a identidade feminina das mulheres participantes de um Clube de Mães, localizado na cidade de Campina Grande, a partir da Teoria da Identidade Social proposta por Tajfel. Para a apreensão dos dados, foi realizado um Grupo Focal com oito mulheres que participam de um Clube de Mães na cidade de Campina Grande. Além disto, utilizou-se uma ficha sociodemográfica com o objetivo de caracterizar o perfil do grupo pesquisado. Os dados foram analisados a partir da análise de conteúdo temática proposta por Bardin, que permitiu a construção das seguintes categorias: representações sobre o grupo; atribuições; expectativas; motivos para a participação; sentimentos; contribuições; dificuldades enfrentadas; visão sobre as mulheres que não participam do Clube; reflexões sobre “ser mulher” e os desafios encontrados por ser mulher. Com base nos resultados, percebeu-se que o Clube traz consigo a ideia de um lugar que possibilita o fortalecimento da rede de apoio dessas mulheres, além de existir o engajamento político das mesmas em busca de melhores condições de vida para toda a comunidade. Quanto ao papel da mulher na sociedade, é notório que há influência da Igreja Católica nos ideais propostos pela instituição, mas ainda assim busca-se por estimular o protagonismo feminino nos espaços públicos. Além disso, é possível observar que o grupo associa a mulher ao papel materno, e o cuidado é destacado como uma atribuição à identidade feminina.

**Palavras-chave:** Movimento de mulheres; Clube de Mães; Identidade Social; Papel social da mulher.

#### ABSTRACT

This research aimed to characterize, based on Tajfel's Social Identity Theory, the female identity of the women participating in a specific Mothers' Club located in the city of Campina Grande. For the seizure of the data, a Focus Group was held with eight women who participate of a Mothers' Club in the city of Campina Grande. In

---

<sup>1</sup>Graduanda em psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: marina.mfb@gmail.com

<sup>2</sup> Professora Doutora da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: sibellebarros@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Professor Doutor da Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: deoliveirafilhopedro@gmail.com

addition, a sociodemographic form was used to characterize the researched group profile. The data were analyzed from the thematic content analysis proposed by Bardin, which allowed the construction of the following categories: representations about the group; attributions; expectations; reasons for participation; feelings; contributions; faced difficulties; point of view about women who do not participate in the Club; reflections on “being a woman” and the challenges encountered by being a woman. Based on the results, it was noticed that the Club brings the idea of a place that enables the strengthening of these women's support network, in addition, there are also their political engagement in search of better living conditions for the entire community. As for the role of women in society, it is noticeable that there is influence of the Catholic Church in the ideals proposed by the institution, but still seeks to stimulate female protagonism in public spaces. In addition, it is possible to observe that the group associates the woman with the motherly role, and care is highlighted as an attribution to the female identity.

**Keywords:** Women's Movement; Mothers' Club; Social identity; Women's social role.

## **1 INTRODUÇÃO**

A pesquisa em questão originou-se do interesse em analisar a realidade social feminina no espaço público, destacando o contexto dos movimentos comunitários, visto que esse lugar antigamente era exclusivo aos homens. Muitas mudanças ocorreram nos últimos sessenta anos no que diz respeito aos direitos das mulheres e, nesse sentido, houveram muitas conquistas, apesar desses movimentos ainda serem desacreditados por se tratar da presença feminina.

Na dinâmica de conquista de direitos, os movimentos comunitários surgem para garantir o lugar das classes desfavorecidas. Nesse sentido, os Clubes de Mães surgem muitas vezes associados as SAB's (Sociedade Amigos de Bairro), com o intuito de melhorar a qualidade de vida das pessoas que são moradoras do bairro. As mulheres possuem um papel primordial nesse movimento, visto que o seu engajamento produz resultados que são para toda a população.

Diante disso, a presente pesquisa tem como objetivo caracterizar a identidade feminina das mulheres participantes de um Clube de Mães, localizado na cidade de Campina Grande. Será que elas se percebem enquanto pertencentes ao grupo e atores de mudança, um sujeito político que busca melhorias na qualidade de vida de si mesma e das pessoas que convivem com elas? Assim, a pesquisa contribui primeiramente pela escassez de estudos na área mas também por possibilitar reflexões acerca da contribuição dos movimentos sociais, neste caso, tratando-se dos Clubes de Mães, para a identidade social feminina, bem como a contribuição dessas mulheres para com o movimento.

Buscou-se então, identificar o perfil sócio demográfico das mulheres participantes do movimento comunitário; descrever o envolvimento e a participação das mulheres no Clube de Mães; apontar o significado da feminilidade para as participantes; apreender como o Clube de Mães contribui para a construção da identidade feminina dessas mulheres.

## **2 A CONSTRUÇÃO DO PAPEL SOCIAL FEMININO E OS CLUBES DE MÃES NO BRASIL**

De acordo com o contexto político na década de 60 no Brasil, os movimentos comunitários surgiram de forma mais organizada por meio das SAB's (Sociedade



de Amigos do Bairro), Associações de Moradores, e outros movimentos que buscavam representar as classes populares por meio de movimentos contestatórios e reivindicatórios, e “se deu em consequência da profunda desigualdade socioeconômica, da injusta distribuição de renda, concentração da propriedade da terra nas mãos de latifundiários e pecuaristas sob proteção do capital estrangeiro” (OLIVEIRA, 2008, p. 92).

Os Clubes de Mães, que inicialmente não possuíam essa nomenclatura, tratavam-se de reuniões com participação das mulheres, e foram organizados entre o fim da década de 50 e se intitularam enquanto Clube na década de 60. Tinham o intuito de estender as atividades domésticas das mulheres a esses novos espaços. A maioria desses grupos formados por mulheres contavam com o apoio de alguma instituição, seja a Igreja Católica; a Legião Brasileira de Assistência – LBA, o Movimento de Saúde ou a prefeitura municipal (VIEZZER, 1989). Eles foram se estruturando de maneira a se apropriarem de um projeto referente aos ideais de cada clube e se reconhecendo como autônomos nesse processo de transformação social. Posteriormente, puderam contar com o apoio das coordenações municipais que articulam e fornecem suporte para os grupos.

As Comunidades Eclesiais de Base contribuíram para a criação de alguns Clubes de Mães no Brasil, e surge então nos anos 60, baseando-se no que propunha a Igreja Católica sobre as novas formas de ser cristão, que teve força junto a teologia da libertação, destacando a preferência aos pobres. Assim, foi uma das formas das mulheres se envolverem nas lutas sociais por meio das CEBs. Entretanto, Viezzler (1989) destaca que muitas mulheres se desvincularam dos grupos formados com o apoio das CEBs, e criaram grupos autônomos.

Na formação dos grupos prevaleciam as ideologias das organizações responsáveis, por muitos deles serem organizados pela Igreja, por algum partido político ou ainda, outra entidade. Isso acarretou na limitação das discussões referentes às políticas que beneficiavam a mulher (VIEZZER, 1989). Nesse sentido, não havia espaço para existir consciência política sobre as relações sociais de gênero nesses lugares.

Assim, ao longo das décadas de 60 e 80, nos Clubes de Mães, espaços no qual destinavam-se às mulheres, era possibilitada por meio da interação grupal, a troca das vivências cotidianas e as atividades eram voltadas para reforçar o papel feminino. Atualmente ocorre também a mobilização das mulheres para tratar de

assuntos que afetam o coletivo, os quais, em períodos passados, não se destinavam ao gênero feminino, mas sim à esfera masculina.

Ao longo da história da humanidade, o papel social das mulheres foi estruturado de acordo com as necessidades do contexto social que prescrevia a forma como as mulheres podiam agir e até aos lugares que poderiam frequentar. Por meio de muitas lutas, as mulheres puderam ocupar alguns espaços que diziam respeito à vida pública. Os clubes de Mães também foram responsáveis por essa maior abertura para as mulheres, as quais, posteriormente, buscaram uma maior conscientização para desenvolver a sua autonomia.

Espaços de democracia, como os Clubes de Mães, surgiram para suscitar as questões referentes à população que exigiam uma maior participação social das mulheres das comunidades na luta pela conquista dos seus direitos. A figura feminina esteve presente na história em busca de garantir os direitos e melhores condições de vida, seja no contexto social, cultural ou econômico, já no início do século XX, por meio de movimentos como a passeata de mulheres, em Nova York (1909), na Europa através de movimentos nas fábricas (1910), e assim foram se expandindo os movimentos de mulheres por todo o mundo. Entretanto, essas mulheres eram vistas de forma frágil por uma parte da sociedade que agia de acordo com a estrutura patriarcal, ditando que a mulher deveria se comportar nos moldes tradicionais, sem vez nem voz na esfera pública. (SILVA, 2009)

Levando em consideração que os movimentos sociais são “uma das formas possíveis de mudança e de transformação social” (GOHN, 2006, p. 248), as mulheres estão nesse espaço na busca de fortalecerem a sua presença enquanto protagonistas femininas na sociedade, e serem atendidas de acordo com as demandas da coletividade que afetam esses grupos.

### **2.1.1 Os Clubes de Mães em Campina Grande – PB**

Os Clubes de Mães em sua grande maioria surgiram articulados às SAB's. Em Campina Grande, esse projeto foi desenvolvido com a iniciativa da Faculdade de Serviço Social da Universidade Estadual da Paraíba propondo-se a contribuir na organização social dos bairros mais carentes da cidade, oferecendo ações de assistência aos moradores e também orientando acerca das lutas por melhorias do

bairro. Foi criada a comissão de moradores que posteriormente foi nomeada como SAB, sendo a primeira no bairro do José Pinheiro, em 1962.

Segundo Oliveira (2008), um ano depois, foi criado o Clube de Mães em Campina Grande – PB, partindo como proposta de campo de estágio curricular para os discentes do Curso de Serviço Social da UEPB, para que as mulheres pudessem participar das decisões comunitárias. A coordenação do curso era dirigida por uma religiosa da Ordem Vincentina da Igreja Católica, irmã Ângela Beleza.

De acordo com Oliveira (2008, p. 98),

Os primeiros CMs que surgiram em bairros da malha urbana, principalmente em áreas de concentração de famílias de baixa renda; foram os seguintes: o clube de mães Anita Cabral, situado na localidade denominada Tambor, fundado em 1963; o Clube de Mães Iza Leal, situado no bairro Santa Rosa, fundado em 1964; o Clube de Mães Maria Arruda da Silva, no bairro José Pinheiro, fundado em 1965; o Clube de Mães Alice Ramos Tejo, no bairro do Centenário, fundado em 1967. Nessa década, foram criados 15 (quinze) CMs. A fundação dos clubes teve a participação de agentes externos citados.

Com a expansão dos Clubes, foi importante a criação de uma coordenação destinada a prestar assistência a essas instituições. Dessa forma, em 1969 a coordenação dos Clubes de Mães de Campina Grande foi criada, sob a direção da diretora do curso de Serviço Social, “constituindo-se numa sociedade jurídica, de direito privado, sem fins lucrativos, com caráter educativo, social, assistencial, beneficente e reivindicativo” (OLIVEIRA, 2008, p. 101).

A coordenação permanece com sua função inicial de articular os clubes e orientar as mulheres para as atividades desempenhadas. Também ensinava as diretorias a respeito dos aspectos burocráticos, no que se refere a elaboração de atas, ofícios, preparação do processo eleitoral. Dessa maneira, os Clubes de Mães têm esse suporte, e o direcionamento através da coordenação até hoje.

### **2.1.2 Os Clubes de Mães enquanto Movimentos Comunitários**

Segundo Gohn (2007) os movimentos sociais podem ser divididos em três categorias: os movimentos identitários; os movimentos de luta por melhorias na condição de vida e no trabalho; e ainda, os movimentos de lutas que atuam em redes sociopolíticas e culturais. Cada movimento possui intuito diferente, e são formados por grupos que representam os seus ideais.

Tratando-se dos “movimentos de mulheres”, compreende-se que, de acordo com o que Gohn (2007) propõe, apesar de ser um movimento formado apenas por mulheres, possui o objetivo de buscar melhores condições de vida, não se restringindo exclusivamente as lutas do gênero feminino, mas também, entrando em cena os direitos e as necessidades de toda uma classe, independente de gênero. Dessa forma, diferencia-se do movimento feminista, que é categorizado como um movimento identitário que busca por igualdade de direitos sociais, econômicos, políticos e culturais das mulheres. Porém, apesar de não se tratar de um movimento exclusivo para a transformação das demandas femininas, ainda assim, possibilita reflexões acerca da mulher nos espaços públicos. O que, de certa forma, contribui nessa conquista de direitos.

Gregori (2017) destaca que o movimento feminista luta contra a estrutura patriarcal que foi estabelecida nas relações sociais e caracteriza-se como uma forte estratégia na desconstrução desse pensamento. Portanto, após um vasto percurso histórico de conquistas, contando com os desafios e submissão, o movimento se organizou em três grandes momentos (as chamadas ondas/fases), no qual se dedicou pela mesma causa, porém em períodos diferentes.

Rabay e Carvalho (2011, p. 86) descrevem sobre essas fases do movimento feminista,

No Brasil, assim como no mundo ocidental, a “primeira onda” se refere ao Movimento Sufragista; a “segunda onda”, que começa na década de 1970 entre nós e na década de 1960 nos Estados Unidos, se caracteriza pela crítica radical, teórica e prática, ao modelo de mulher e de família vigente. A “terceira onda”, identificada nos anos 1990, evidencia “novas” mulheres: as negras, as lésbicas, as mulheres do terceiro mundo, as transgêneros, entre outras. (apud GREGORI, 2017, p. 49)

A categoria na qual os “movimentos de mulheres” se enquadram é definida por Gohn (2007) como “os movimentos de luta por melhores condições de vida e de trabalho, no urbano e no rural, que demandam acesso a condições para terra, moradia, alimentação, saúde, transportes, lazer, emprego, salário etc” (p.44). Ou seja, tais grupos de mulheres lutam por causas que dizem respeito à todos de sua classe, mas as mulheres são as protagonistas desse movimento.

Diante disso, pode-se dizer que os Clube de Mães fazem parte desse movimento comunitário, e é formado exclusivamente por mulheres, mas como explicado anteriormente, não possuem o intuito exclusivo de discutir sobre as condições de vida feminina. Entretanto, Viezzer (1989) considera que apesar de nos

Clubes de Mães não se objetivar discutir o conhecimento teórico acerca do que são os movimentos feministas e definir as suas lutas, ainda assim, pode-se considerar que esses espaços na comunidade são parte do movimento feminista popular.

Entre as décadas de 1960 e 1980, os Clubes de Mães foram se organizando enquanto ambiente de interação entre as mulheres que segundo Viezzer (1989) eram espaços planejados para reforçar os papéis femininos tradicionais de mãe, esposa e dona de casa, de forma que não era de interesse da instituição discutir sobre a comunidade e nem as discussões de decisões políticas.

Portanto, inicialmente não havia uma maior reflexão em relação ao papel feminino na sociedade e de como as mulheres poderiam desenvolver sua autonomia tanto na vida privada quanto na vida pública. As relações sociais de gênero eram definidas de acordo com o sistema patriarcal, no qual as mulheres eram vistas como submissas aos homens. Esse modo de compreender as relações ainda é presente na nossa sociedade atual, entretanto, por meio de muitas lutas das mulheres vem sendo transformado esse cenário, e pouco a pouco é reconhecida a força feminina.

Como destacam Viezzer (1989) e Gohn (2007) é importante refletir sobre esses movimentos no tocante à reprodução dos ideais conservadores, onde esses espaços acabam por serem só referentes a discussões que envolvem a vida privada, e que sempre foi colocado como responsabilidade das mulheres. Ou seja, nesses lugares deveriam também possibilitar a discussão acerca da emancipação feminina, trazendo as questões de liberdade, igualdade e das diferenças de gênero que ocorrem nas relações sociais.

A cientista social Viezzer (1989) ressalta que nos Clubes de Mães, como já menciona o próprio nome, a identidade das participantes está atrelada ao papel materno, dificultando a percepção das mesmas enquanto mulheres que vão além da função reprodutora que está implícita nesse papel social. Diante do exposto, torna-se importante investigar a identidade social destas mulheres na atualidade.

## **2.2 A Teoria da Identidade Social**

No intuito de contemplar o objetivo desta pesquisa, foi utilizado como aporte teórico a Teoria da Identidade Social proposta por Henry Tajfel (1982).

O referido autor parte da premissa de que todo indivíduo participa de diferentes grupos sociais e essa pertença interfere diretamente na construção da imagem que ele tem de si. Por meio do processo de categorização social são reunidas situações, objetos, pessoas, grupos, destacando as suas semelhanças. Esse mecanismo cognitivo organiza e facilita a compreensão da realidade. Além da categorização realiza-se comparações entre o grupo do indivíduo e o outro grupo (exogrupo), existindo uma tendência do indivíduo a ressaltar os aspectos positivos do seu grupo de pertença (endogrupo). Também são atribuídos valores aos diferentes grupos, bem como afetos.

No que diz respeito aos aspectos psicológicos, pertencer a um determinado grupo pode trazer implicações positivas ou negativas ao indivíduo. Ressalta-se que o pertencimento diz respeito a uma dimensão psicológica: o sentimento de pertença. Por meio desse processo, o sujeito constrói sua identidade social, definida por Tajfel (1982) como sendo “aquela parcela do autoconceito de um indivíduo que deriva do seu conhecimento da sua pertença a um grupo (ou grupos) social, juntamente com o significado emocional e de valor associado àquela pertença” (p.290). O autor reconhece que “por muito rica e complexa que possa ser a visão de si próprios dos indivíduos em relação ao mundo físico e social que os envolve, certos aspectos desta visão são uma contribuição da sua pertença a determinados grupos, ou categorias sociais.” (Tajfel, 1982, p. 290)

Desta forma, a Identidade Social se dá através das posições dos grupos no qual o indivíduo participa e se reconhece como integrante e, ainda, com características semelhantes aos outros que ocupam determinado espaço. Soma-se a significação emocional e valorativa que é fruto desse meio. Com a diferenciação dos outros grupos, busca-se reafirmar a identidade social mediante os aspectos positivos da pertença do grupo em questão, ou seja, das características que lhe traz conforto. E também, evidencia-se as características negativas do outro grupo, como comentado anteriormente.

Como destacam Fernandes e Pereira (2018) “por mais que seja complexa a visão de si próprio em relação ao mundo físico e social, certos aspectos dessa visão constituem uma importante contribuição de sua pertença a determinados grupos ou categorias sociais” (p. 35).

É importante ressaltar que a Teoria da Identidade Social proposta por Tajfel, teve suporte teórico do que havia sido proposto por Festinger (1954), na sua teoria

de comparação social, porém agora, Tajfel estende para o aspecto grupal. Na construção da TIS participaram alguns colaboradores, como Turner (1979) que contribuiu com a ampliação das ideias acerca da dimensão social do comportamento grupal, destacando então, os estudos sobre discriminação e preconceito. (PEREIRA; SOUZA, 2016)

Tajfel, por meio de sua teoria, permite a compreensão da identidade a partir de uma perspectiva psicossocial, ressaltando o papel dos grupos na forma em que as pessoas se vêem e se autodefinem. Assim posto, torna-se possível, por meio desta teoria, caracterizar a identidade feminina das mulheres participantes de um Clube de Mães.

### **3 METODOLOGIA**

Participaram da pesquisa um grupo formado por oito mulheres que estão associadas a um Clube de Mães na cidade de Campina Grande-PB. No processo de escolha das participantes, contou-se com o auxílio da presidente do Clube, levando em consideração os critérios de tempo (mínimo de seis meses de frequência) e idade (maiores de dezoito anos). A maioria das mulheres que se dispuseram a participar da pesquisa possuem alguma função na instituição (secretária, tesoureira, vice-presidente, presidente, conselheira fiscal), além de sócias, por fazerem parte da diretoria do Clube.

Como instrumento de coleta de dados, foi utilizada a Ficha sociodemográfica, para descrever as características sociodemográficas das participantes do grupo, especificando a idade, religião, escolaridade, cor, estado civil, ocupação, e o número de filhos. Também foi utilizada a técnica do Grupo Focal, baseando-se em algumas Questões Norteadoras (APÊNDICE A) para fomentar as discussões, de forma que questionava sobre as funções desempenhadas no Clube, as contribuições da instituição para a vida das mulheres e vice-versa, a perspectiva delas acerca da mulher na atualidade, e os desafios enfrentados, visando alcançar o objetivo da pesquisa.

O Grupo Focal tem o intuito de, por meio de um grupo pequeno, reunindo em média de seis a quinze pessoas, apreender as percepções, sentimentos e opiniões acerca de um determinado tema que faça parte da vida dos envolvidos no grupo. Dessa forma, para Kitzinger (2000) “os grupos focais se baseiam na interação e

comunicação entre as pessoas selecionadas para fazerem parte do grupo, buscando colher informações detalhadas sobre uma temática, compreendendo, assim, as percepções e crenças desse grupo acerca de um produto ou serviço.” (apud Trad 2009, p. 780)

Inicialmente foi feita uma visita para conhecer os trabalhos desenvolvidos no Clube de Mães, e também observar o grupo em questão. Posteriormente foi solicitado à diretoria a autorização para desenvolver a pesquisa no local por meio do Termo de Autorização Institucional. Foi possível durante os meses de Março à Junho, acompanhar algumas das festividades e ações (dia das mães e dia da mulher) realizadas no Clube, para assim entender um pouco mais da dinâmica, e conhecer as mulheres que frequentavam as reuniões. Logo após foi possível conversar com a presidente do Clube e assim convidamos algumas das mulheres para participarem do Grupo Focal.

A pesquisa foi realizada em um espaço amplo e arejado no próprio Clube de Mães, por se tratar de um ambiente acolhedor e confortável para o grupo, sendo o local já conhecido pelas mulheres. Foi realizado um encontro com duração de 80 minutos, levando em consideração o tempo para a ficha sociodemográfica e a realização do grupo focal. Inicialmente explicou-se sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para as participantes e o Termo de Autorização para Gravação de Voz. Após a coleta de dados, os relatos foram transcritos, e lidos de forma minuciosa para a realização da codificação. Em seguida, os códigos foram agrupados em categorias temáticas de acordo com os procedimentos característicos da análise de conteúdo temática proposta por Bardin (2007)

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) sob o cadastro CAAE n. 12876419.1.0000.5187. A pesquisa está orientada de acordo com as diretrizes éticas previstas na resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde – CNS, que normatiza a realização de pesquisas com seres humanos no Brasil.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Nesta seção serão mostrados os resultados da pesquisa e discutidos os dados obtidos. Inicialmente será apresentada a caracterização das mulheres com



base nas informações extraídas da Ficha sociodemográfica. Posteriormente, serão descritas as categorias temáticas elaboradas a partir da análise de conteúdo.

## PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DAS PARTICIPANTES

No que diz respeito aos dados sociodemográficos (Tabela 1), a idade das mulheres varia entre 35 e 73 anos, sendo classificado metade do grupo como adultas e a outra metade como idosas. No que se refere à religião, um pouco mais da metade das mulheres entrevistadas são católicas.

Quanto ao grau de escolaridade das participantes, duas chegaram à universidade, sendo uma graduada na UAMA (Universidade Aberta à Maturidade). Das outras, uma possui ensino fundamental incompleto, duas possuem ensino fundamental completo, uma possui ensino médio incompleto e outras duas possuem ensino médio completo.

No tocante à cor um pouco mais da metade se declararam pardas, duas se reconheceram enquanto brancas, e uma se declarou morena (outros). Com relação ao estado civil, duas são solteiras, três são casadas e outras três já haviam sido, sendo duas viúvas e uma divorciada. Quanto à ocupação das mesmas, observa-se diversos tipos de atividades, sendo possível identificar que duas são do lar, uma é aposentada, uma diarista, duas autônomas, uma técnica em enfermagem, e outra tecnóloga. Com relação ao número de filhos, todas têm filhos, observando-se que a metade é mãe de três filhos.

**Tabela 1** - Caracterização sociodemográfica das mulheres participantes do Clube de Mães (n=8), em Campina Grande - Paraíba, 2019.

VARIÁVEIS	CATEGORIAS	FREQUÊNCIA
IDADE	20 – 59 anos	4
	60 – 79 anos	4
RELIGIÃO	Católica	5
	Evangélica	3

<b>GRAU DE ESCOLARIDADE</b>	Ens. Fundamental Incomp.	1
	Ens. Fundamental Comp.	2
	Ens. Médio Incompleto	1
	Ens. Médio Completo	2
	Ens. Superior	2
<b>COR</b>	Branca	2
	Parda	5
	Outros	1
<b>ESTADO CIVIL</b>	Solteira	2
	Casada	3
	Divorciada	1
	Viúva	2
<b>OCUPAÇÃO</b>	Do lar	2
	Aposentada	1
	Autônoma	2
	Diarista	1
	Téc. de Enfermagem	1
	Tecnóloga	1
<b>NÚMERO DE FILHOS</b>	Um filho	1
	Três filhos	4
	Quatro filhos	3

**Fonte:** Elaborada pelo autor, 2019.

## **CATEGORIAS TEMÁTICAS**

A análise da transcrição do Grupo Focal possibilitou a produção de algumas categorias, sendo descritas em representações sobre o grupo; atribuições; expectativas; motivos para a participação; sentimentos; contribuições; dificuldades enfrentadas; visão sobre as mulheres que não participam; reflexões sobre “ser mulher” e os desafios encontrados por ser mulher.

### **Representações sobre o grupo**

A categoria *representações sobre o grupo* descreve sobre o que é o Clube de Mães conforme a percepção das mulheres. De acordo com as entrevistadas, o Clube representa um encontro das mães da comunidade, uma família e ao mesmo tempo uma entidade. Isto pode ser visto nestes trechos:

*“É um encontro de mães da comunidade, né? assim, se interagir, criar grupos, conversar.” (M6, 60 anos)*

*“É uma família em si né? Porque... onde a gente tá em meio a comunidade eu acho assim, levando o respeito, o carinho, a atenção se transforma em uma família né?” (M5, 35 anos)*

*“O clube de mães é uma entidade voltada dentro do contexto da comunidade né?” (M8, 56 anos)*

Diante disso, compreende-se que essas mulheres buscam por um local de acolhimento, onde se sintam à vontade para compartilhar suas vivências por encontrarem apoio e afeto. Além disso, também é proporcionado por essas mulheres o suporte dentro da própria comunidade, onde a maioria já se conhece e possui uma relação amigável. Com isso, também não se perde o aspecto formal quando é destacado por uma das mulheres que o Clube é definido como uma entidade. Prado (1988) define o Clube de mães como uma entidade de cunho social/educativo, no qual não visa o lucro, e é frequentado por mulheres idosas do mesmo bairro. Por meio de atividades em grupo as mesmas se desenvolvem tanto no aspecto individual quanto coletivo.

O Clube de Mães também pôde ser definido através de suas funções, como: possibilitar trocas de experiências e suporte emocional, buscar melhorias para o bairro, estimular à consciência política, realizando também ações de promoção à saúde, oferecer capacitações e momentos de lazer. Dessa forma, é evidenciado principalmente o fortalecimento da rede de apoio proporcionado às mulheres nesse espaço de trocas de experiências:

*“Como foi importante a nossa conversa com ela, como ela conversou, como ela se abriu, e como a gente pôde ajudar ela dentro dos nossos limites, a gente pôde ajudar ela na questão da base familiar. E o clube de Mães é isso, é a união voltada mais pra base familiar, o nosso objetivo é esse (...) o outro objetivo é ajudar as pessoas que estão lá fora, esse é nosso objetivo maior (...) nós estamos pra ouvir, pra mais pra ajudar, pra situar” (M8, 56 anos).*

Com base nisso, percebe-se que além do aspecto de fortalecimento da rede de apoio, também ainda é ressaltado para as mulheres o papel delas enquanto pilar

nas suas famílias, levando as mesmas a se considerarem responsáveis pela harmonia da casa. Oliveira (2008) propõe que os Clubes de Mães são lugares destinados para a participação e sociabilidade das mulheres, de forma que além de entreter nas atividades oferecidas pelo Clube, também é um espaço de solidariedade. Ainda segundo a autora, inicialmente os clubes eram espaços que buscavam junto às mulheres o seu desenvolvimento, que se estendia ao seu ambiente familiar.

Outras funções, citadas anteriormente, foram apontadas como o estímulo à consciência política e a busca por melhorias do bairro, além dos cursos oferecidos, e ações de promoção à saúde, que podem ser vistos nas seguintes falas:

*“Um grupo (...) onde a gente discute não só políticas públicas da mulher como também discute as problemáticas da comunidade (...) é daqui do clube de mães que a gente busca melhoramento de saúde, num é? mais educação, mais participação da comunidade em cobrar dos poderes públicos o que precisa da comunidade.” (M8, 56 anos)*

*“Essa coordenação ela também busca políticas pra os clubes, busca cursos de capacitação e a gente interage com as mães da comunidade” (M8, 56 anos)*

*“A gente não só vive de problema não, nós também temos festas, nós temos momentos de lazer, nós fazemos viagens, nós fazemos encontros, nós fazemos... vamos dizer trabalho solidário” (M8, 56 anos)*

De acordo com o Estatuto que rege os Clubes de Mães, são encontrados alguns dos objetivos como contribuir para melhoria de condições de vida da comunidade; servir de instrumento de luta em defesa da comunidade, contra toda e qualquer forma de exploração política, econômica e social (Oliveira, 2008). As mulheres exercem sua autonomia ao reivindicar melhorias para a comunidade. O Clube também preza por oferecer encontros em outros locais para sair da rotina, mas ainda assim, continua com o propósito de socialização que se estende a outros lugares além dos encontros na instituição. Isso também é representado nos cursos, e ainda é proposto a ensinar as mulheres novas formas de gerar renda, por meio do que é aprendido.

### **Atribuições do Clube de Mães**

Em outra categoria denominada *Atribuições do Clube de Mães* foram mencionadas pelas mulheres alguns dos procedimentos realizados no Clube de

Mães para melhor organização da própria instituição, destacando-se os planejamentos de pauta, reivindicações por meio de abaixo-assinado, encontro mensal com a coordenação.

*“Os procedimentos são de várias formas né? Em reuniões, com assinaturas das pessoas em abaixo-assinados... encontro mensalmente pra gente discutir né, sempre quando nós vamos nos encontrar nós temos que ter uma pauta antes pra discutir o que nós vamos discutir na próxima né? A gente sempre busca a cada semestre pautar os acontecimentos a cada semestre o que a gente vai fazer o que a gente vai trabalhar né” (M8, 56 anos)*

Desta forma, é visto o comprometimento no trabalho exercido por essas mulheres, cumprindo as responsabilidades que são do Clube, e se engajando nos ideais da instituição. Como destaca Oliveira (2008, p. 113) “no aspecto organizacional, os CM’s apresentam uma estrutura dotada de institucionalidade, encontros regulares com pauta pré-definida, uma diretoria eleita democraticamente”.

### **Expectativas das mulheres**

Com relação à categoria *expectativas das mulheres* as participantes, apontam a necessidade de maior visibilidade do grupo, levar conhecimento para outros bairros, maior participação das mulheres da comunidade e uma maior união entre elas. Sendo ressaltadas nas falas:

*“Elevar o bairro, tornar o bairro cada vez mais conhecido através do nosso grupo, da presidente, entendeu?” (M6, 60 anos)*

*“Eu acho que seria muito bom todo mundo pegar na mão do outro e seguir em frente e trabalhar, mostrar conhecimento do nosso grupo lá fora que eu acho que tá precisando... divulgar mais” (M4, 58 anos)*

*“E se unir e cobrar os direitos que nós temos, que a gente unido, nós se junta, nós mesmo se juntar um grupo pra cobrar o que nós precisamos no bairro, na nossa rua... e sozinha/ uma andorinha só não faz verão não, tem que ser a união!” (M1, 73 anos)*

Nessa categoria é possível observar que as mulheres buscam por reconhecimento, tanto da importância do trabalho desempenhado na instituição quanto do bairro por meio da associação. Desta forma, elas constatarem o seu valor enquanto grupo e se veem desempenhando um papel significativo para a sociedade. Além disso, elas buscam por uma maior coesão grupal, para assim,

serem mais vistas pelas outras pessoas. Logo, a expectativa das mesmas se volta para o maior reconhecimento social do grupo através da visibilidade.

### **Motivos para a participação**

Quanto à categoria *motivos para a participação*, foram descritas algumas dessas razões, como o conhecimento do Clube por meio da SAB, desejo de ajudar, por curiosidade, compreendendo ser um dever de participação social e por influência da mãe. Foi feita uma maior menção das mulheres quanto ao conhecimento do Clube de Mães, por meio da SAB (Sociedade de Amigos do Bairro), pelo fato destas associações em Campina Grande serem responsáveis pela estruturação do início dos movimentos comunitários na cidade, e, em seguida, foram criados os Clubes de Mães:

*“Então, aí o que me chamou a atenção aqui, eu já fui daqui da SAB, mas o clube de mães agora que estou participando” (M6, 60 anos)*

*“Porque eu achei necessidade em conhecer e ajudar nesse trabalho e dar uma força né? Estamos todos juntos, a união faz a força né?” (M6, 60 anos)*

*“Eu achei a necessidade e o dever de participar de uma coisa que é dentro da comunidade.” (M8, 56 anos)*

*“Porque logo assim que foi construído aqui o clube de mães, a minha mãe já fazia parte né? (...) quando eu era pequena eu dizia, eu ainda vou fazer parte desse clube de mães né.” (M3, 45 anos)*

É perceptível que a maioria das mulheres tinha o desejo de ajudar, e isso pode ser relacionado ao fato de o surgimento dos Clubes ter sido associado à ideia de trabalho solidário por também serem influenciados pela Igreja Católica, aspecto este destacado desde a criação dos Clubes.

Além disso, uma das mulheres fala sobre o desejo que tinha quando criança por ver a mãe participar das atividades do clube. Isso despertou a necessidade de se tornar sócia também quando mais velha.

### **Sentimentos**

No tocante à categoria *sentimentos* foi apresentado por algumas das mulheres, o que sentiam com relação à pertença ao grupo, foram destacados, orgulho, felicidade, e gratidão.

*“E agora tá tendo a oportunidade de eu fazer parte desse clube de mães. E é com muito orgulho porque é como as meninas já falou, é uma união entre si.” (M3, 45 anos)*

*“Um dia, nossos filhos nossos netos passem ali e (...) digam assim: eita minha mãe participou da evolução desse clube, hoje ele tá um primeiro andar, antigamente era uma casa, onde as mães se encontravam, era assim era um clube já assim bem baixinho ali atrás” (M8, 56 anos)*

*“E estamos aqui, e tô muito feliz, e Deus abençoe que a gente continue por muito e muitos anos aqui, lutando! É muito bom, gratificativo.” (M7, 73 anos)*

### **Visão sobre as mulheres que não participam**

As participantes do Clube de mães puderam descrever na categoria *visão sobre as mulheres que não participam* como elas pensam que são essas mulheres, Foi apontado por algumas participantes que muitas das mulheres da comunidade têm outras preferências, algumas se acham velhas, são tímidas, têm preguiça ou ainda não possuem conhecimento sobre o que é o clube e por isso não participam.

*“Ai tem muitas que diz assim, não mas eu sou velha pra aprender, ninguém é velho pra aprender né” (M5, 35 anos)*

*“Elas preferem tá em casa, as vezes tem muitas que tem vergonha, tem muitas que são tímidas mesmo né?” (M5, 35 anos)*

*“Elas tem preguiça de vir, e muita... fica lá no ninho, lá sem sair do canto.” (M2, 62 anos)*

*“Então quem está lá fora que não participa não sabe, porque a gente não vai sair de casa em casa dizendo o que é, é preciso que a pessoa participe da reunião, escute bem direitinho e pra saber o que é o clube de mães.” (M6, 60 anos)*

Nestas duas últimas categorias observa-se que as mulheres atribuem sentimentos positivos ao pertencimento do grupo e características negativas para as mulheres que não participam do Clube. Isso pode ser compreendido por meio do que Tajfel destaca em sua Teoria da Identidade Social, que nesse processo de comparação e categorização social, o grupo em questão é “orientado por uma tendência à atribuição de características e valores negativos aos exogrupos e

positivação das características relacionadas ao grupo de pertencimento, bem como uma constante avaliação desta pertença” (Bonomo et al 2008, p. 157)

Desta maneira foram encontrados os sentimentos de orgulho, gratidão e felicidade associado ao Clube de Mães, e as características de preguiçosa, tímida, velhas enquanto atribuições negativas para as mulheres que não participam das atividades do grupo. Esse processo contribui para a proteção de suas identidades por meio da construção e defesa de um autoconceito positivo.

Como enfatizam Fernandes e Pereira (2018, p. 44) “naturalmente o sentimento de pertença é desenvolvido por meio da interação social e a avaliação desse sentimento pertinente à comparação social está no centro das emoções e crenças auto-dirigidas.”

### **Contribuições do Clube de Mães**

Na categoria *contribuições do Clube*, de acordo com as mulheres, o grupo trouxe contribuições para a vida das mesmas, sendo refletidas no desenvolvimento da comunicação, na socialização, trazendo mais conhecimento e aprendizados sobre as questões da vida, e mais amizades.

*“Mais conhecimento, entendeu? É... fica com a mente melhor, aprende até a falar, porque às vezes tem gente que não abre nem a boca com vergonha, (...) fica mais desenvolvida, é.. participa mais de grupos, fica mais social na sociedade” (M6, 60 anos)*

*“Então no clube a gente aprende, tanto a gente ensina como a gente aprende. A gente aprende mais do que ensina, mas a gente aprende bastante” (M5, 35 anos)*

*“Como é importante as mulheres e as mães, principalmente fazerem parte desse, vamos dizer dessa casa, dessa entidade, levar pra frente assim o conhecimento, tanto o conhecimento que elas têm como mãe e como das outras coisas (...) das coisas que nós aprendemos lá fora e trazemos como experiência praquelas que não tem” (M8, 56 anos)*

*“Eu gosto de participar, eu gosto de tá onde tem gente que eu gosto de aprender, e eu gosto de conversar (...) pra mim conversar e fazer amizade” (M1, 73 anos)*

De acordo com as falas pode-se observar que o Clube contribui para o desenvolvimento pessoal dessas mulheres, e também, torna-se um espaço para se fazer novas amizades com o intuito de trocar conhecimento. Hercílio e Spink (2018) destacam que apesar de cada mulher ter suas individualidades a respeito dos seus interesse pessoais, e outros propósitos, neste contexto grupal tudo o que está em



uma delas provoca implicações na vida das outras. Ou seja, o grupo possibilita conhecer mais acerca de outras vivências de cada uma delas, e também estimula reflexões sobre situações do cotidiano, de particularidades femininas, onde elas encontram esse suporte e confiança para viverem as relações construídas nesse espaço.

### **Dificuldades**

Em outra categoria definida como *dificuldades* foram apresentadas em algumas falas, os desafios que são encontrados no Clube, destacando as críticas sofridas por pessoas que não fazem parte do grupo e o pouco envolvimento das mulheres da comunidade, por não existir interesse nas atividades realizadas, só participando quando há festejos.

*“Porque muitas vezes as pessoas ficam criticando né? Ai eu vou fazer o quê no clube de mães? É umas reunião besta num sei quê... mas só ela num sabe a importância que tem essa reunião que a gente faz” (M3, 45 anos)*

*“Mas você sabe que hoje em dia o povo diz não tem tempo, tem isso aquilo outro (...) E participa assim, quando a gente faz uma festa, em prol da comunidade de todo mundo, aí vem muita gente, entendeu?” (M6, 60 anos)*

*“E o que nós fazemos assim, é conversar com as mães pra aumentar o número, porque muitas mães às vezes nem sabe o que se passa no clube de mães, e às vezes até critica por que não sabe, e a gente sempre convida” (M6, 60 anos)*

Fica claro que por meio das críticas as mulheres sentem que a própria comunidade no qual residem desvalorizam o espaço destinado para as mães, e isso gera inquietação e descontentamento no grupo, embora não chegue a causar conflitos intergrupais. Dessa forma, as mulheres se implicam nas atividades do clube e mostram indignação com a rejeição sofrida pelas outras pessoas da própria comunidade. Elas buscam as mulheres para que estas entendam que não estão sozinhas, que podem contar com a ajuda do clube, pois esse espaço provocou transformações na vida delas. Além do que há a necessidade de mais envolvimento para assim elas conseguirem agir como mediadoras no papel de transformação social.

### **Reflexões sobre “ser mulher”**

Já na categoria *reflexões sobre “ser mulher”*, as mesmas destacaram: ser mãe, relacionando ao cuidado, e trazendo adjetivos como inteligente, bela/maravilhosa, forte, livre, e ainda aquela que edifica seu lar. Dessa forma, pode-se observar um maior enfoque no cuidado enquanto característica feminina, atrelando-o simultaneamente à maternidade.

*“Uma mulher sábia edifica seu lar” (M3, 45 anos)*

*“Ser mulher... é a gente fazer o que a gente quiser!” (M6, 60 anos)*

*“Vocês sabem que a mãe, a mulher em si é muito importante dentro de uma família né? Eu acredito que a mulher hoje dentro do contexto familiar é uma peça importantíssima, não que os demais não sejam mas a mulher, a mãe principalmente.” (M8, 56 anos)*

*“A gente nasce com aquela tendência de crescer de casar, ser mãe” (M6, 60 anos)*

*“Mulher é pra isso! É saber valorizar o papel dela, acima de tudo, ser mulher e principalmente mãe” (M8, 56 anos)*

*“Porque muitas das vezes elas não são mãe por natureza assim né? Porque não pariu... mas elas são mães voluntárias, elas são mães que cuidam de uma tia, são mães que vão cuidar de um idoso” (M8, 56 anos)*

Com isso, pode-se constatar que as mulheres compreendem o cuidado como atribuição feminina, o que é reforçado pela crença de que ser mãe é um papel natural da mulher. Viezzer (1989, p. 68) reflete que a “denominação [Clube de Mães] revela o deslocamento para trás da identidade das participantes, que não se definem ali como mulheres, mas enquanto seres identificados por sua função reprodutora, implícita no papel social de mães”.

### **Desafios em ser mulher**

No que se refere à categoria *desafios em ser mulher atualmente*, as participantes relatam a violência de gênero, a necessidade em reconhecer seu valor e exigir respeito e o medo em lidar com o marido. Com isso, fica perceptível que a figura masculina está relacionada com esses desafios, tanto no fato de lidar com os maridos quanto à outros homens.

*“Só tem uma coisa de ser mulher... é o que está acontecendo hoje, é a maioria dos homens ne? Que estão matando as mulher” (M6, 60 anos)*

*“A gente tem que ter mais força pra combater a violência dos homens que cada vez aumenta mais, nós temos que batalhar cada vez mais através de conversa” (M6, 60 anos)*

*“O desafio de ser mulher hoje em dia, é você se dar valor! Se conscientizar que você tem que se amar! (...) a mulher não se dão valor, deixa o homem hoje e amanhã já tão com outro, fazendo ciúme, fazendo isso e aquilo. Minha gente, pelo amor de Deus, vamo se amar, vamo se dar valor né?!” (M1, 73 anos)*

*“Hoje as coisas só acontecem porque a mulher quando ela se sentiu ofendida, ou de uma forma psicológica, ou física ela tem que denunciar mesmo! Independente de tudo (...) não ter medo de levar e acima de tudo não ter vergonha.” (M8, 56 anos)*

Diante disto, nos desafios citados pelas mulheres têm-se, além do medo do homem, a necessidade de incentivar e conscientizar outras mulheres por meio das conversas que surgem no próprio Clube acerca da violência de gênero. Como destaca Viezzer (1989, p. 70) agora o grupo proporciona “um espaço próprio e adequado para a ação destinada a denunciar a subordinação da mulher e promover a modificação das relações desiguais entre homens e mulheres como requisito da transformação social”.

Através dos processos de categorização e comparação social propostos por Tajfel, na construção da Identidade Social, as mulheres participantes do Clube de Mães, se diferenciam das outras mulheres da comunidade (exogrupo), atribuindo à elas características negativas, e trazendo sentimentos positivos à pertença ao seu próprio grupo (endogrupo).

Outro aspecto perceptível com relação a esses processos citados anteriormente, aparece quando as mulheres ressaltam suas características femininas de forma positiva, como pôde ser visto na categoria de “ser mulher”, e atribuem ao “ser homem” aspectos negativos.

Como destaca Souza (2004) apud Bonomo et al (2008) quando há a identificação social, ocorrem produções de solidariedade, caso contrário resulta na exclusão dos diferentes. Podemos perceber isso quando as mulheres se dispõem em oferecer suporte para as outras mulheres que buscam o Clube de Mães.

De um modo geral, pode-se dizer que no desenvolvimento desta pesquisa é possível perceber a dinâmica das mulheres que lutam por melhores condições de vida nos movimentos comunitários. Estas, muitas vezes acreditam que são desacreditadas pela própria comunidade, e em alguns momentos encontram dificuldades para realizar o que desejam. Apesar disso, ainda há entusiasmo para

buscar o que almejam visando o bem estar da comunidade e das mulheres que participam do grupo.

É perceptível que uma das maiores funções para as mulheres que frequentam o Clube de Mães se baseia no aumento da rede de apoio, visto que esse espaço proporciona o acolhimento às mulheres, e por meio de conversas informais são compartilhadas as dificuldades e conquistas de cada uma. Então, além disso, também é um espaço para construção da consciência política, e de reconhecimento da força feminina.

Desta forma, o Clube se torna um lugar para desenvolver a si e ao grupo, somando-se cada experiência particular ao contexto comunitário e resultando numa significativa transformação no espaço público. Enquanto mulheres, as mesmas reconhecem a sua força e os seus valores, mesmo diante dos resquícios do patriarcado. Percebem-se de uma forma positiva e seus discursos apontam uma autonomia feminina, característica dos discursos atuais sobre a mulher a partir da igualdade de gênero. Entretanto, elas ainda assim possuem discursos que expressam elementos tradicionais que responsabiliza a mulher como única encarregada em trazer um ambiente harmônico nas relações familiares, e ressaltam sobre a maternidade como papel natural da mulher.

O contexto histórico na esfera privada, sempre foi muito direcionado às mulheres, e esse cuidado se estendeu à casa, aos filhos, à família sendo atribuído como função da mulher. Viezzer (1989) enfatiza que segundo a Igreja católica, o pilar básico da sociedade é a família tradicional, entretanto na visão das feministas este se torna o primeiro lugar em que a mulher sofre opressão.

Portanto, tratando-se das mulheres no espaço público, os Clubes de mães buscam essa desconstrução no tocante à conquista por direitos e reconhecimento da mulher no meio social, mas ainda assim de uma forma lenta e progressiva, respeitando principalmente o que a Igreja Católica defende acerca do papel desempenhado pelo gênero feminino, visto que isso ocorre pelo fato da maioria dos clubes possuírem uma grande influência das religiões. Com isso, percebe-se que as mulheres reafirmam a necessidade de terem seu espaço na sociedade também nos contextos públicos, mas que ainda assim são responsáveis pelos assuntos relacionados à esfera privada.

Por mais que a Igreja tenha sofrido transformações em alguns de seus ideias ao longo desses sessentas anos, no que se refere as doutrinas no aspecto do

código moral ainda permanecem os mesmos princípios, principalmente com relação a maternidade, sexualidade e moralidade. Estes temas sempre foram trazidos em contraponto a forma feminina de viver e se relacionar (VIEZZER, 1989).

Relacionando à atual conjuntura no qual os movimentos comunitários, e os movimentos de mulheres estão com o início de toda a história, passaram-se sessenta anos e as mulheres ainda permanecem nessa desconstrução e buscam o apoio uma das outras para as necessidades do cotidiano. Não se nega o que já foi conquistado mas ainda há muito o que se conquistar. Fica claro também o medo relacionado à figura masculina que as mulheres ainda enfrentam e o papel do Clube de Mães nessa busca por estimular o protagonismo feminino no enfrentamento das adversidades.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A identidade feminina construída e reconstruída cotidianamente no Clube de mães possui elementos tradicionais e mais atuais, condizente com o discurso feminista. Nesse sentido, respeita os princípios religiosos, mas ainda assim proporciona discussões referentes ao papel feminino na sociedade. O caminho é longo, mas percebe-se que muito se tem feito nos espaços públicos para possibilitar a conscientização mesmo sem ocorrer o aprofundamento da informação, fato este que pode ser visto nesta pesquisa.

Conclui-se também que o cuidado atribuído às mulheres enquanto papel feminino, ganha um novo espaço, a comunidade. As mulheres além de se responsabilizarem pelo cuidado das pessoas mais próximas, como os familiares, agora direcionam o aspecto do cuidar estendendo para toda a comunidade.

Conhecer um pouco mais dessa realidade presente nos Clubes de Mães possibilitou perceber as particularidades do movimento, com relação às dificuldades que são enfrentadas nesse ambiente, muitas vezes sendo desacreditadas pela própria comunidade, mas também pode-se observar o empenho e a garra das mulheres que frequentam esse espaço.

Diante disso, é possível reconhecer as limitações do trabalho, por entender que este é o recorte da realidade de um dos Clubes de Mães, podendo haver conclusões diferentes das citadas aqui em outros espaços no país, ou até mesmo dentro da própria cidade. Entretanto, de acordo com o que descrevem Viezzer

(1989) e Joaquim (2009), elas retratam realidades próximas com a relatada nesta pesquisa, no sudeste do país.

Dessa forma, observa-se que há a necessidade de divulgar e explicar nas comunidades o papel dos Clubes de Mães nos bairros, e como ele pode beneficiar e melhorar a qualidade de vida das mulheres, pois nesse espaço além das discussões de alguns temas referentes ao gênero feminino, também é um ambiente que proporciona o aumento da rede de apoio das mulheres. Por fim, espera-se que os resultados aqui apresentados possam contribuir para a literatura destinada a essa temática.

## REFERÊNCIAS

ÁLVARO, J. L.; GARRIDO, A. **Psicologia social: perspectivas psicológicas e sociológicas**. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

ARAÚJO, A. C. S de. **Os Clubes de Mães como espaço de construção de sujeitos sociais: Um estudo no município de Campina Grande – PB**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social). Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2017.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução por Luís Antero Reto; Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BELLOZO, E.; REZENDE, M. J. de. **A participação das mulheres nos movimentos sociais brasileiros nas décadas de 1970 e 1980: A luta pela redemocratização**. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/primeirosimposio/completos/edsonbellozo.pdf>. Acesso em: 13 de mar 2019.

BONOMO, M.; TRINDADE, Z. A.; SOUZA, L. de e; COUTINHO, S. M. dos S. **Representações sociais e identidade em grupos de mulheres ciganas e rurais**. *Psicologia* [online]. 2008, vol.22, n.1, pp.153-181. ISSN 0874-2049

CAMPOS, M. de L. Feminismo e Movimentos de mulheres no contexto brasileiro: A constituição de identidades coletivas e a busca de incidência nas políticas públicas. **Revista Sociais e Humanas**, v. 30, n. 2, 2017.

FERNANDES, S. C. S.; PEREIRA, M. E. **Endogrupo versus Exogrupo: o papel da identidade social nas relações intergrupais**. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, vol. 18, núm. 1, Janeiro-Abril, 2018, pp. 30-49.

FONSECA, R. M. G. S. da. **A construção da identidade de mulheres e homens como processo histórico-social**. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185064/mod\\_resource/content/1/identidade.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185064/mod_resource/content/1/identidade.pdf) Acesso em: 19 de mar 2019.

GOHN, M. da G. Mulheres–atrizes dos movimentos sociais: relações político-culturais e debate teórico no processo democrático. **Política & Sociedade**, v. 6, n. 11, p. 41-70. 2007.

GREGORI, de J. Feminismos e resistência: trajetória histórica da luta política para conquista de direitos. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 30, n. 2 – Jul./Dez. 2017 – ISSN online 1981-3082.

HERCILIO, J. O.; SPINK, M. J. Ponderações sobre a longevidade de um clube de mães da periferia de São Paulo, Brasil. **Athenea digital**, v. 18, n. 3, 2018.

JOAQUIM, M. S. **Militantes de Clubes e Mães**. Joinville: Clube de Autores; 2009.

MATOS, T. G. R; MAIA, L. M.; MACIEL, R. H. Catadores de Material Reciclável e Identidade Social: Uma Visão a Partir da Pertença Grupal. **Interação Psicol.** Curitiba, v. 16, n. 2, p. 239-247, jul./dez. 2012

OLIVEIRA, D. C. Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização. Rio de Janeiro, **Rev. enferm. UERJ**, v. 16, n. 4, p.569-576, 2008.

OLIVEIRA, M. T. de. **Democracia primária e experiência associativa: os clubes de mães em Campina Grande**. 2008. Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

PEREIRA, C. R.; SOUZA, L. E. C. de. Fatores Legitimadores da Discriminação: Uma Revisão Teórica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Abr-Jun 2016, Vol. 32 n. 2, pp. 1-10

PINTO, C. R. J. Feminismo, história e poder. **Revista Sociologia Política**, v. 18, n. 36, p.15-23, 2010.

RAMOS, M. M.; NICOLI, P. A. G.; BRENER, P. R. G. (ORG). **Gênero, sexualidade e direito: uma introdução**. Belo Horizonte: Initia Via, 2006.

SANTIAGO, I. M. F. L.; OLIVEIRA, M. T. de; ANDRADE, H. C. N. de. Movimento Comunitário dos Clubes de mães em Campina Grande: Recorte de gênero e democracia. **Revista Ártemis**, v. 10, p. 34-44, 2009.

SILVA, T. C. M. da; AMAZONAS, M. C. L. de. Identidade Feminina: Engendrando espaços e papéis de mulher. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 1, n. 2, p. 192-200, 2009.

SILVA, L. S. **Mulheres em Cena: As novas roupagens do primeiro damismo na Assistência Social**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

TAJFEL, H. **Grupos humanos e categorias sociais: Estudos em psicologia social**. Lisboa: Livros Horizonte; 1982.

TRAD, L. A. B. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3. p. 777-796, 2009.

VIEZZER, M. **O problema não está na mulher**. São Paulo: Cortez; 1989.

## APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

### QUESTÕES NORTEADORAS

O que é o Clube de Mães? Como ele funciona?

O que levou vocês a participarem do grupo?

Mulheres que não são mães podem participar do grupo? Por quê?

Como são as outras mulheres da comunidade?

Como vocês eram antes de participar do grupo?

Como o grupo contribui para a vida de vocês?

Como é ser mulher hoje em dia? Que desafios vocês encontram?



## AGRADECIMENTOS

À Deus, por me proporcionar a realização desse sonho, e nesse processo me mostrar com sabedoria por onde caminhar.

À minha família, em nome dos meus pais, José e Carneivone por acreditarem em mim, me apoiarem e estarem comigo em todos os momentos, sem hesitar, me oferecendo palavras de apoio, e confortando o meu coração nos momentos de desespero.

À minha irmã, Vanessa Ohanna, por participar comigo neste momento, e contribuir nas discussões acerca da temática da pesquisa, além de me dar suporte durante esses seis anos de curso.

Ao meu namorado, Paulo, por estar comigo nessa reta final do curso, e me ajudar nos momentos de ansiedade, acreditando em mim e me fazendo refletir sobre o respeito a mim mesma, e ao meu processo.

Às minhas amigas de infância, Mariana, Vanessa, Myllena, Paloma, Karlla, Letícia e Nathália, por participarem da minha caminhada na vida escolar e acompanharem o meu crescimento na universidade, contribuindo para transformações significativas na minha vida.

Aos meus amigos da universidade, em especial os que estiveram comigo na ênfase de Psicologia Social Comunitária, Kiara, Renally, Caio e Anthony, por me ajudarem a descobrir um mundo novo, fora da minha caixinha, e trazerem experiências incríveis durante a graduação, possibilitando reflexões de grande importância nessa construção da minha identidade.

Ao departamento de Psicologia, que me proporcionou conhecer profissionais excelentes no qual tenho tamanha admiração, em especial Leconte de Lisle, Josevânia da Silva, Thelma Maria e Ana Cristina.

À Sibelle Maria, minha orientadora, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação. Por pacientemente me ajudar na construção dessa pesquisa, e além disso, despertar essa paixão pela Psicologia Social.

Ao meu coorientador, Pedro Filho, pela atenção e orientação nessa reta final, e pelos conhecimentos compartilhados.

Ao grupo de estudos GRECOMVIDA, em especial à professora Márcia Adelino, que contribuiu para a minha formação acadêmica e pessoal ao decorrer dos anos na universidade.

Ao Clube de Mães no qual desenvolvi a pesquisa, que me recebeu com tanto carinho e abriu as portas para que eu acompanhasse as atividades do local e realizasse meu estudo.